

Iconografia

Iconografia



Nuchukana

Entalhe em madeira entre os Kuna do Panamá

Paolo Fortis*



Figura 1: Aurolina (esquerda) e Elasia (direita) costurando suas molakana.

* Doutor em Antropologia Social pela University of St. Andrews. Seus interesses de pesquisa incluem Antropologia Ameríndia, Arte, Mitos e Cosmologia.
pf38@st-andrews.ac.uk



Figura 2: Homem e mulher nuchukana.



Figura 3: Nuchukana de Leopoldo.



Figura 4: Leopoldo esculpindo um nuchu

Os Kuna do Panamá são mundialmente conhecidos por suas *molakana* (no singular *mola*), blusas aplicadas com figuras coloridas e geométricas bordadas do avesso. Essas blusas são costuradas e usadas diariamente por cada mulher kuna¹ (Foto1). Apesar de ser totalmente fabricada com materiais adquiridos na cidade do Panamá ou em Colón, desde o século XIX, a *mola* se tornou um símbolo distintivo da identidade kuna². Símbolo defendido diante das tentativas de aculturação por parte do governo panamenho, que se efetivaram em ações policiais durante as primeiras décadas do século XX³.

Atualmente, podem-se ver mulheres kuna andando pelas principais ruas da cidade do Panamá vestindo orgulhosamente suas blusas *mola* ricamente ornamentadas; usando *muswe*, um lenço vermelho decorado; *sapurret*, um tecido azul com desenhos pintados em verde e laranja, usado em volta da cintura; *wini*, longos colares de miçangas enrolados nas panturrilhas e antebraços, criando figuras geométricas; e o *olasu*, um anel dourado usado no nariz.

As mulheres kuna transformam itens do exterior – os tecidos coloridos e as linhas, comprados na cidade, bem como a multiplicidade de

imagens que veem nas revistas ou em propagandas nas estradas – em *mola*. É através do trabalho constante do dia-a-dia que as mulheres kuna transformam objetos alheios em belos artefatos gráficos que contrastam intensamente tanto com a vegetação exuberante da floresta tropical, no entorno do lugar onde vivem, quanto com o ambiente caótico da cidade do Panamá.

Entalhes

Uma característica comum da arte visual kuna é mediar a relação com a alteridade. Enquanto as mulheres kuna são habilidosas costureiras que incorporam e transformam materiais e elementos visuais adquiridos do exterior, os homens se dedicam ao entalhamento e produção de cestas. Esculpindo e tecendo, os homens kuna lidam com outra forma de alteridade: a das poderosas entidades de árvores e plantas. Os Kuna consideram que as árvores grandes e emergentes são seres poderosos, mais do que os animais, demônios e fantasmas. Essas árvores representam seres primordiais, os quais, se devidamente utilizados pelos seres humanos, podem ser auxiliares de grande valor contra a predação de animais, demônios e outros espíritos. Por essa razão, esculpir a madeira é uma atividade delicada que requer um bom conhecimento do mundo imaterial (*nek purpalet*).

Os homens jovens podem aprender a entalhar uma canoa (*ulu*) de um único tronco de árvore, bancos (*kana*) e pequenos utensílios usados para cozinhar. Alguns homens idosos sabem entalhar os *nuchukana* (no singular *nuchu*), figuras antropomorfas feitas de madeira que são usadas em rituais de cura. Essas esculturas são um elemento chave da vida ritual dos Kuna e são mantidas em quase todas as residências como espíritos protetores.

Suspeito que haja uma ligação entre a capacidade de entalhar canoas, bancos e *nuchukana*, devido ao papel que estes três objetos têm na vida dos Kuna, mas esse aspecto requer maior investigação⁴. No momento quero destacar que a produção de esculturas é considerada uma habilidade que nem todos os homens são capazes de adquirir, como claramente aparece nos discursos dos Kuna. Esculpir requer a capacidade pessoal de dominar a arte de dar forma (*sopet*) e de transformar (*opiñet*). Algumas pessoas disseram que tanto acontece de um homem ter a capacidade inata para entalhar, quanto ele pode adquiri-la por meio de sonhos específicos ou depois de uma doença severa.

Leopoldo Garcia, um homem kuna com mais de 80 anos de idade, contou-me a história do homem que o ensinou a entalhar. Quando seu mestre era jovem, o pai lhe deu para comer o coração de um tamanduá-bandeira (*ippureket*, Latim, *Myrmecophaga tridactyla*), a fim de torná-lo um habilidoso entalhador⁵. Contudo, o jovem adoeceu, porque a poderosa alma (*purpa*) do tamanduá-bandeira levou sua própria alma. O pai do mestre de Leopoldo viajou com o intuito de aprender a tratar aquela doença e, felizmente, retornou a tempo de curar seu filho que estava prestes a morrer. Quando o jovem se recuperou, ele se tornou um entalhador de madeira muito habilidoso e sua habilidade foi logo reconhecida entre os companheiros da aldeia, que passaram a pagar para que ele fizesse suas canoas. Leopoldo aprendeu com seu mestre a entalhar canoas, bancos, almofarizes e outros objetos, o que ele fez por muitos anos até envelhecer e começar a se dedicar a objetos de menor dimensão. Quando o conheci, ele entalhava utensílios para cozinha, tais como, pilões, bastões rituais decorados, banquinhos, suportes de madeira de balsa usados para levar as safras e os *nuchukana*.

Nuchukana

Os *Nuchukana* são estátuas antropomórficas feitas de madeira, medindo de 5 a 30 cm. Elas representam figuras femininas e masculinas com narizes compridos e pontudos e estão em posição vertical. As figuras masculinas usam chapéu e as femininas um lenço na cabeça – assemelhando-se aos homens e mulheres kuna mais velhos (Foto 2). Geralmente, eles são deixados em caixas de madeira ou de plástico aos pés do esteio principal da casa. Os Kuna afirmam que os *nuchukana* gostam de viver juntos, por esta razão cada residência tem um bom número dessas esculturas em madeira guardadas no mesmo lugar (Foto 3). Assim, os membros do grupo doméstico se sentem protegidos de ataques de espíritos durante a noite, pois os *nuchukana* estão olhando por eles.

Os especialistas em rituais de cura têm seus próprios *nuchukana* que levam consigo, sempre que vão visitar seus pacientes. Um *nuchu* pode auxiliar seu dono a tratar doenças. Os *nuchukana* tanto podem ser convocados a viajar pelo mundo imaterial, por meio do canto entoado pelo curador, e assim recuperar a alma de uma pessoa doente que foi raptada, quanto facilitar o parto de uma criança⁶. Também os videntes⁷ podem encontrar seus companheiros *nuchukana* em sonhos, quando os consultam sobre os remédios para tratar determinadas doenças.

Quando conheci Leopoldo, em 2003, na aldeia de Okopsukkun, ele era renomado por sua habilidade de entalhar *nuchukana*. O que estimulou minha curiosidade ao conversarmos sobre as estátuas de madeira foi observar que o entalhe de um *nuchu* requeria muito menos habilidade técnica do que entalhar objetos maiores, como bancos e canoas. As estátuas de madeira possuem uma forma tosca e grosseira e chamam atenção por sua falta de detalhes. Se considerarmos as habilidades de calcular e entalhar, além da capacidade de prever o resultado do trabalho pronto envolvido na fabricação de uma grande canoa a partir de um único tronco de árvore, é possível imaginar que um entalhador kuna poderia facilmente esculpir formas muito mais delicadas ao entalhar um *nuchu*. Além disso, a madeira de balsa é a mais usada para fazer os *nuchukana*, exatamente devido à sua maciez e elasticidade; por ser fácil de entalhar. Porém este não parece ser um critério estético relevante para o povo kuna.

Durante minha permanência entre os Kuna, nunca vi um homem jovem entalhando um *nuchu*. Este é considerado um conhecimento especializado que apenas poucos idosos possuem e que envolve um processo bem mais delicado do que escavar uma canoa ou esculpir outros objetos em madeira. Canoas são feitas de árvores mortas, ao passo que os *nuchukana* são partes de árvores vivas, suas raízes ou galhos retêm a poderosa vitalidade dessas plantas, remanescentes dos tempos primordiais. Ainda que canoas, bancos e *nuchukana* sejam entalhados usando a madeira das mesmas árvores⁸, o processo de criação é diferente. Quando o entalhador corta uma árvore para fazer uma canoa ou bancos, ele canta fórmulas rituais curtas, convocando a alma da árvore a deixar permanentemente o tronco antes de ele ser derrubado. No caso de um *nuchu*, após concluir a forma da figura humana, o entalhador leva a escultura para um cantor ritual, que chama a alma da árvore de volta para a peça entalhada, tornando-a uma escultura viva. Deste modo, as poderosas e potencialmente perigosas entidades das árvores são transformadas em espíritos amigáveis, que são guardados dentro das residências kuna como um tipo muito particular de corresidentes.

Transformação da fertilidade

No processo de entalhamento dos *nuchukana* podemos observar um aspecto peculiar das preocupações sobre a pessoa e o cosmos entre os Kuna. Os entalhadores kuna alcançam o ápice de sua habilidade quando são capazes de entalhar os pequenos *nuchukana*. Como sugerido acima,

os entalhadores de *nuchu* são reconhecidos por sua capacidade de dominar a força primordial da vida contida nas árvores, mais do que por suas habilidades técnicas. Deste modo, tornam-se capazes de dar vida a novas subjetividades, isto é, aquelas dos entalhes *nuchukana*. Meu argumento é que, ao entalhar um *nuchu*, o homem idoso manifesta sua capacidade transformadora, sua força fértil (*purpa*). O ato de esculpir expressa a fertilidade que ele tinha quando jovem, a capacidade de gerar filhos transformada em capacidade de gerar vida para um *nuchu*.

Os homens kuna mais jovens são encorajados pelos velhos a trabalhar com afinco na floresta, a fim de produzir comida suficiente para satisfazer o apetite de suas crianças. Sua força e vontade para cultivar, pescar e caçar é comparada à sua capacidade de gerar crianças. As mulheres kuna brincam, frequentemente, dizendo que se um homem é preguiçoso e fraco, sua esposa ganhará dele na cama⁹. As mulheres são consideradas fortes quando já têm muitos filhos. Homens e mulheres fazem uso de plantas medicinais regularmente, com intervalos de alguns anos, para fortalecer suas *purpa*, a fim de se tornarem trabalhadores diligentes no cultivo ou em casa e para conceber filhos.

Por outro lado, os Kuna dizem que os homens mais velhos têm menos *purpa* do que os homens jovens porque eles não conseguem gerar filhos nem suportar o trabalho pesado. Entretanto, eles são capazes de transmitir sua *purpa* para os mais jovens através de conselhos (*unaet*). Ao narrar os mitos na casa de reunião, os velhos da aldeia ensinam as pessoas mais jovens a se comportarem de maneira adequada com os parentes e vizinhos, bem como a reconhecerem e respeitarem as entidades de árvores e animais quando vão cultivar ou caçar na floresta. Ou seja, antes de ensinar o conhecimento ritual, os especialistas ensinam aos seus discípulos os valores de uma vida boa¹⁰. As mulheres mais velhas são especializadas em lidar com assuntos relativos à fertilidade das mulheres mais jovens. Elas dão conselhos, preparam plantas medicinais para garantir uma gravidez segura e um parto tranquilo, ajudam no parto e realizam os rituais após o nascimento.

As pessoas mais velhas, oferecendo seus conselhos, ensinando e preparando plantas medicinais, têm um papel importante em tornar os adultos jovens kuna “gente de verdade” (*tule sunnati*), adultos fortes e responsáveis que pensam nas futuras gerações e trabalham em prol do bem estar de seus filhos.

Os Kuna me disseram que o homem que entalha *nuchukana* deve ser capaz de “falar bem” (*nuet sunmakket*), o que significa ter habilidade para dominar variados contextos de discurso. De um lado, quando é

necessário, ele fala de forma sensata com seus netos em casa, a fim de lhes dar conselhos ou repreender um mau comportamento. Por outro lado, ele sabe falar na casa de reuniões, recorrendo às histórias míticas da tradição kuna, medindo suas palavras, abordando o assunto de maneira precisa, sendo humilde quanto a seu conhecimento¹¹. Em geral, os homens idosos que são reservados e não falam demais na casa de reuniões, mas que são bons narradores e conselheiros para seus netos em casa, são considerados um bom exemplo.

A capacidade de falar bem é transmitida para os *nuchukana* que um velho entalha e esta será uma característica fundamental no relacionamento entre o *nuchu* e os seres humanos. Um bom *nuchu* revela prontamente a doença de seu anfitrião humano (ou sua anfitriã) para o vidente que o consulta, sem esconder qualquer detalhe que ajudará na cura. Ao mesmo tempo, a habilidade diplomática fundada na fala permite ao *nuchu* negociar com êxito a devolução de uma alma humana raptada pelos mestres das entidades maléficas. Os *nuchukana* mais poderosos são aqueles que incorporaram não apenas as qualidades primordiais da árvore a partir da qual foram esculpidos, mas também as qualidades do homem que os entalhou (Foto 4). Um *nuchu* é uma nova subjetividade que se diferencia das vitalidades genéricas primordiais existentes nas árvores por possuir algumas das qualidades humanas de seu entalhador. É um ser vivo poderoso que age como mediador entre seres humanos e outras entidades, graças à sua natureza mista, humana e não-humana. E conhece muitas linguagens, como os Kuna ressaltaram.

Figuras da pessoa

Precisamos lembrar que os *nuchukana* são figuras antropomórficas, eles são figuras de pessoas. Essa característica, de acordo com meus informantes, é o que permite aos Kuna, especialmente aos videntes, encontrar os *nuchukana* em sonhos. Dar forma humana à madeira é uma condição indispensável para um *nuchu* adquirir subjetividade própria e, conseqüentemente, interagir com os seres humanos. Ninguém consegue sonhar com a entidade genérica de uma árvore, mas os Kuna podem sonhar com um *nuchu* específico. Contudo, somente videntes conseguem estabelecer um relacionamento pessoal com os *nuchukama*. O *nuchu* é identificado pelas características físicas da pessoa que aparece no sonho, as quais, frequentemente, são atribuídas a uma das esculturas que a pessoa tem em sua casa. Algumas pessoas me contaram experiências de

sonhos com os *nuchukana*. Um deles, por exemplo, sonhou com uma mulher alta, de pele branca e cabelos compridos; outro sonhou com um homem baixo, de pele escura e complexão robusta; outra pessoa sonhou com um homem que vestia um traje cáqui e estava armado como um soldado. Um homem me contou que ele havia sonhado com um menino sem um olho. Ele então explicou que suspeitava que o menino fosse um dos *nuchukana* que tinha em casa, um que alguns anos antes tinha perdido um olho de vidro.

Em contraste com a riqueza das descrições das imagens de *nuchukana* sonhadas, suas formas entalhadas não demonstram uma valorização de detalhes visuais. Não parecia relevante para meus informantes kuna destacar características específicas representadas nas formas esculpidas em madeira a fim de lhes dar uma aparência individual. Nem havia uma preocupação com as técnicas usadas para entalhar as figuras humanas, em oposição à atenção que davam às técnicas quando especulavam em construir uma canoa. *Nuchukana* são figuras genéricas de pessoas que, apesar de algumas características de gênero básicas, tendem a se assemelhar entre si. Essa similaridade das formas entalhadas está em oposição à sua subjetividade, a qual emerge em relação a indivíduos humanos específicos (entalhadores, entoadores de cantos rituais, videntes, sonhadores) e é diferenciada. Cada *nuchu* tem uma personalidade própria, distinta dos demais: uns são mais faladores que outros, alguns são pacíficos, enquanto outros são violentos. Apesar disso, é sua forma física que estimula as imagens sonhadas e não vice-versa. Entalhar um *nuchu* é um processo que consegue fixar a alma mutável das entidades primordiais que vivem dentro das árvores, possibilitando a elas interagir com os seres humanos.

Ao entalhar a figura de uma pessoa, os Kuna dão aos seres primordiais um corpo, um lar temporário para a alma que adquire subjetividade apenas em relação com outros seres vivos. Entalhar imagens humanas em madeira é para os Kuna um processo poderoso, associado à temporalidade da vida humana e à capacidade que mulheres e homens têm de gerar outras pessoas.

Em uma tarde, durante uma de nossas conversas, Leopoldo segurou por um momento o *nuchu* que ele havia entalhado junto a seu peito e, olhando para ele, disse: “Eu sou a pessoa que toma conta de você. Vou lhe dar comida e bebida. Mesmo que eu não possa ver você, você vai me proteger. Pessoas malvadas e demônios não virão ao meu encontro. Você se lembrará de mim e eu cuidarei de você”.

Notas

¹ Os Kuna, cerca de 35.000 pessoas, vivem principalmente nas ilhas do arquipélago de San Blas, na costa do Panamá. Algumas aldeias kuna se localizam na floresta de Darién e na Colômbia, perto da fronteira com o Panamá. Um número considerável deles, cerca de 25.000 Kuna, vivem na Cidade do Panamá e em Colón.

² Sherzer (1976) definiu a *mola* como um símbolo do *Kunaite*. Salvador (1978, 1997) estudou os princípios estéticos que orientam as mulheres kuna na produção das *molakana*; Tice (1995) analisou o impacto da comercialização de *mola* na vida diária. Margiotti (2009) dedicou-se ao tema da criação de parentesco e a relação com alteridade na fabricação de *mola*.

³ Howe (1998) descreve os eventos que propiciaram e os que se seguiram à revolta do povo kuna contra a polícia panamenha em 1925. Desde 1938, Kuna Yala, um território longo e estreito que se estende desde a fronteira colombiana até Punta San Blas e engloba mais de 300 ilhotas, foi reconhecido como distrito indígena (*comarca*) e conquistou certo grau de autonomia.

⁴ As canoas são usadas como meio de transporte entre as ilhas e o continente e também como recipientes para os remédios da floresta e a cerveja fermentada. Os bancos são usados por especialistas durante as cerimônias de puberdade e são associados ao ato de aprender.

⁵ O tamanduá-bandeira aparece também em um mito contado pelo povo Piro como o mestre fabricante de canoa (Gow 2001, p. 104-105).

⁶ O canto kuna para tratar complicações de parto registrado por Holmer e Wassén (1947) foi objeto da famosa interpretação feita por Levi-Strauss (1972).

⁷ Chamados *nele* em Kuna; um tipo de especialista capaz de ver e se comunicar com entidades não humanas em sonhos.

⁸ Entre as árvores que os Kuna habitualmente usam para entalhar *nuchukana* estão a balsa (*Ochroma pyramidale*), o cacau (*Theobroma cacao*), o almendro (*Dipteryx panamensis*) e o cativo (*Priora copaifera*).

⁹ Ver Margiotti (2009) para uma análise das idéias dos Kuna sobre fertilidade e capacidade reprodutiva de mulheres e homens.

¹⁰ Fui informado que no passado era normalmente o sogro quem ensinava o conhecimento especializado aos homens jovens.

¹¹ Ver Sherzer (1983) para uma análise dos modos de fala kuna e dos diferentes contextos discursivos na vida diária.

Referências

GOW, Peter. *An Amazonian myth and its history*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

HOLMER, Nils; WASSÉN, Henry. *Mu-Igala or the way of Muu, a medicine song from the Cunas of Panama*. Göteborg: Etnografiska Museet, 1947.

- HOWE, James. *A People Who Would not Kneel*. Panama, the United States and the San Blas Kuna. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Structural anthropology*. London: Penguin University Books, 1972.
- MARGIOTTI, Margherita. *Kinship and the saturation of life among the Kuna*. PhD thesis, University of St Andrews, 2009.
- SALVADOR, Mari Lyn. *Yer dailege! Kuna women's art*. Albuquerque: Maxwell Museum of Anthropology, 1978.
- _____. *The art of being Kuna*. Layers of meaning among the Kuna of Panama. Los Angeles: UCLA Fowler Museum of Cultural History, 1997.
- SHERZER, Dina; SHERZER, Joel. Mormaknamaloe: The Kuna *mola*. In: YOUNG, Phillip; HOWE, James (Eds.). *Ritual and symbol in native Central America*. University of Oregon Anthropological Papers, 9, 1976. p. 21-42.
- SHERZER, Joel. *Kuna Ways of Speaking*. An Ethnographic Perspective. Austin: University of Texas Press, 1983.
- TICE, Karin. *Kuna crafts, gender, and the global economy*. Austin: University of Texas Press, 1995.

Recebido em 11 de agosto de 2009.

Aprovado para publicação em 19 de agosto de 2009.

